



## **GERMINAR COM ARTE, ANTES QUE SEJA TARDE**

**Luciana Leiderfarb**

Sobre o VI Encontro Internacional de Arte para a Infância e Desenvolvimento Social e Humano que teve lugar a 29 de Outubro 2016 na Fundação Calouste Gulbenkian.



PARCERIAS



LAMCI

LABORATÓRIO DE  
MÚSICA E COMUNICAÇÃO  
NA INFÂNCIA



FINANCIAMENTO



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE GULBENKIAN

60  
ANOS

APOIOS



deARTES



## **Germinar com arte, antes que seja tarde**

Por Luciana Leiderfarb<sup>1</sup>

**No VI Encontro Internacional de Arte para a Infância e Desenvolvimento Social e Humano lançaram-se as sementes para que a formação imersiva seja também transitiva e chegue a outros lugares, alcançando mais pessoas. E para que se perceba que a música, enquanto primeira relação com o mundo, aprende-se como se aprende uma linguagem — a ouvir, a gaguejar, a imitar e a brincar.**

Não se descobriu ainda um modo de educar sem empatia e compaixão, ouviu-se logo no início. E as palavras serviram de chão ao que, de seguida, viria a ser plantado. Quem as disse foi Helena Rodrigues ao apresentar o VI Encontro Internacional de Arte para a Infância e Desenvolvimento Social e Humano, mais uma etapa num caminho que começou em 2011 com Opus Tutti e continuou em 2015 com GermlnArte, termo que veio a designar os três anos de um projeto cujo objetivo central é pensar a formação direcionada para a primeira infância - e o modo como a arte pode apoiar e enriquecer essa formação. Ambos os momentos receberam o apoio da Fundação Gulbenkian, onde este Encontro teve lugar.

Mas 'formação' nem sequer é o termo certo. Como disse Paulo Maria Rodrigues a meio dos trabalhos, 'formar' lembra fórmula e formatar. Melhor é pensar em Transformar – em "mecanismos que partem da individualidade de cada um" – e em Transfigurar – enquanto capacidade de imprimir modificações à existência quotidiana e de apontar novos rumos para a beleza, a estranheza e a diferença. Melhor é pensar, por exemplo, em diretrizes para uma atuação formativa mediada por práticas artísticas que inspirem a singularidade, que valorizem o desenvolvimento pessoal e a transversalidade, que se atrevam a testar novos contextos, que

---

<sup>1</sup> Natural de Buenos Aires, licenciou-se em Filosofia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Iniciou-se no jornalismo em 1992, no Jornal de Letras, tendo nos anos seguintes colaborado com a RDP e com as revistas "Grande Reportagem" e "Ler", entre outras. Dedicou-se também à tradução. Escreve no "Expresso" desde 1996.

polinizem (germinando) de curiosidade e motivação o trabalho conjunto de agentes diversos, que não fujam do exterior, dos espaços abertos, do contacto com a natureza.

Porque afinal esbarramos sempre na mesma pergunta, última e primeira: O que é uma criança?

Como aprende? E como aprende música?

Será que aprende música como apreende o resto do mundo?

Que relação existe entre aprender e apreender?

Ron Malanga não trouxe propriamente uma resposta – trouxe, isso sim, uma reflexão sedimentada na sua vasta experiência como professor na Horizon School, no Dubai, onde trabalha com crianças e bebés seguindo as ideias de Edwin E. Gordon no que toca à aprendizagem musical. Basicamente, o que o guia é a noção de que "a música deve ser ensinada como uma linguagem" e de que é na linguagem que encontramos o segredo para a incorporação da música na vida de alguém. "Não pensamos que a criança não está pronta para ouvir a linguagem. Aliás, rodeamos o bebé de linguagem desde o momento em que nasce", constata Ron Malanga. Da mesma forma, não esperamos que o bebé domine logo a sintaxe. Há todo um processo de aculturação do bebé à linguagem, durante o qual ele absorve conteúdos com significado antes de ser capaz de os reproduzir. Nesse processo, ele irá primeiro gaguejar, explorar o erro, brincar com ele – e nada disto parecerá estranho nem deslocado, mas antes um meio para atingir um fim.

Enquanto gagueja, o bebé sedimenta a compreensão – pois é por aí que se começa. Ensina a si próprio a imitar o mundo sonoro que o rodeia. As primeiras tentativas serão, como devem ser, imperfeitas. Avança-se palavra a palavra. E aqui se percebe quão diferente é o ensino 'oficial' da música, em que o erro é de imediato apontado como tal e corrigido, não sendo considerado como parte de um processo necessário, mas como algo desde logo a condenar e a evitar. Em música, notou Malanga, "esquecemos o gaguejar" como parte da aprendizagem. Pretendemos saltar, qual equilibristas impreparados, para o último estágio de apreensão da linguagem, para o falar, o ler e o escrever. Ao fazermos isto, empobrecemos o gaguejar e, portanto, o vocabulário e o próprio ato de falar.

Ron Malanga quis mostrar que tudo se inicia na audição. Que não existem mau falantes de uma língua – como o árabe, que ele teve de aprender – mas "ouvintes empobrecidos ou impacientes". Se o falamos mal, é porque não o ouvimos o suficiente. Não se aprende a falar imitando frases inteiras e não se aprende música cantando – decorando – canções inteiras. Nem servindo-se apenas das mãos. O educador põe o dedo na ferida quando mostra que "a música e a linguagem começam nos ouvidos, nos olhos e na boca". E que a sintaxe – a forma como a mente organiza os sons – é tudo menos linear. "Para que a linguagem faça sentido, as palavras são tratadas de forma desigual", defende, acrescentando que a leitura não se processa letra a letra, mas à custa de padrões e contextos. Da mesma forma, e ao contrário do que se supõe, a música não é feita de escalas, mas de arpejos – itinerários com intervalos pelo meio, de que a criança irá naturalmente preencher os vazios.

Gaguejar é, portanto, por onde tudo passa.

Gaguejemos, então.

E voltemos a Paulo Maria Rodrigues e à formação imersiva, isto é, à formação que se faz em ambiente experiencial. Gaguejando até encontrar uma linguagem. Quem nestas águas mergulha, encontra sobretudo uma relação: a dele consigo mesmo e a das diferentes artes entre si. Em 2016, à semelhança ao que em 2015 se intitulou "Jardim Interior", a proposta chamou-se "Caleidoscópio", teve uma semana de duração e participantes vindos de áreas diversas. E aproveitou os materiais incluídos no livro "Ecos de Opus Tutti" e nos sete fascículos que conformam o "Manual para a Construção de Jardins Interiores" – "Acerca de Jardins Interiores", "Colos de Música", "Colo da Terra", "Colo dos Bichos", "Bebé PlimPlim", "Raps & Rimas" e "Super-Sonics". A semana de trabalho 'bebeu' de todas estas fontes, ao ritmo de uma por dia e, no fim, baralhou tudo – mostrando justamente que para cada modo de fazer existem complementaridades e caminhos diferentes. Tentou-se pensar a música enquanto som e não dentro dos padrões da tonalidade – num tipo de aculturação que 'muda a lente' a respeito da forma como fomos habituados a olhar para a música. Aculturar é fazer ouvir – e um bebé não ouve a distinção entre tonal e atonal.

O que um bebé ouve, e continuará a ouvir, é um som materno. Uma música - ou um complexo musical – que o situe num tempo e num espaço. Que identificará, subliminarmente ou não,

como a sua casa. E que herdará caso seja preservado. É neste âmbito de preservação que trabalha Avra Pieridou Skoutella, antropóloga especializada em música para a infância e autora, entre outras coisas, de "Musical Traditional Songs for Young Children", que pela primeira vez reúne e regista o cancionero infantil tradicional do Chipre, o seu país. Pela primeira vez, por tratar-se de um património que resistiu mal a uma invasão turca que ocupou 33% da ilha. "A música cipriota para crianças foi perdida num passado turbulento. E foi substituída por um repertório oriundo da Grécia, do Reino Unido, dos Estados Unidos e do resto da Europa", explicou Avra Pieridou. Doze anos de investigação demonstraram-lhe que o que parecia perdido estava apenas escondido – e havia que desenterrá-lo, dá-lo a ouvir.

Quem fala de música fala também do dialeto cipriota. Avra encontrou crianças que se queixavam de não o ouvir na rádio ou na TV e de o terem, mesmo assim, "dentro da sua cabeça". Porque razão isto acontece? Porque ocupou o lugar de uma linguagem íntima, familiar, sanguínea. Uma ligação ao mundo que se processou além, por cima e por baixo dos canais de difusão correntes. No seu trabalho de campo, a antropóloga convidou 24 crianças de 13 vilas, dos 8 aos 12 anos, para ouvir e cantar o material recolhido. E verificou que muitas eram exímias solistas, não conseguindo igual resultado na abordagem em grupo. A pergunta que se seguiu aplica-se ao seu país, a todos os países: Como fazer parte de um todo sem perder a individualidade?

A partir daqui, o trabalho concentrar-se-ia em desenvolver uma estratégia para o conseguir. A importância de um *songbook* – um cancionero que canta a pertença – serviu de elo de comunicação entre todos. O convite a um cantor famoso, por todos conhecido, e a uma idosa representando a tradição, deu-lhes um guia, uma matriz de onde pudessem descolar. E por onde voaram? Pelo que já conheciam, como se fosse novo. Por histórias que já estavam plantadas no seu imaginário. Era preciso escrevê-las, fixá-las, esclarecer alguns significados e pronúncias. E ilustrar o conteúdo do que estava a ser contado. O processo inteiro demorou três anos. Insere-se, revelou Avra, num "processo mais vasto em que o Chipre está a acordar para a própria cultura".

Acordar. Despertar. Não só a formação imersiva – formação em que se mergulha dois, três, vários dias – permite isso. A proposta final deste encontro recai num outro tipo de formação, a

que se deu o nome de transitiva, e que consiste em espaços TransFormativos mais curtos e intensivos, transientes; oficinas nas quais se disponibilizam os materiais que constam do "Manual para a Construção de Jardins Interiores". Módulos de três horas em que se lançam sementes e a partir das quais se fica à espera de ver o que germina, e onde, e quando, e em quem. A conversa seguiu-se nas mãos de um painel formado por António Rodrigues, Fernanda Lopes, Filipe Lopes e Henrique Fernandes. E aos dois primeiros devemos a reformulação da noção de ser mais útil - mais fértil - aprender a ouvir do que a memorização mecânica de canções sem lhes atribuir um significado. "A audição [conceito de Edwin E. Gordon] não depende só da capacidade de ouvir, mas da extensão do vocabulário musical", disse Fernanda Lopes, notando que "a ideia de 'musicalidade comunicativa' – conceito este central no trabalho de Colwyn Trevarthen, o mentor honorário deste projeto – é central no trabalho com bebés". E porquê? Porque somos musicais. Porque a nossa primeira relação com o mundo é de ordem musical.

Daqui decorre que um instrumento não tenha de ser tradicional ou comprado numa loja. Que possa ser inspirado pelos materiais que se encontram à nossa volta. Que nos levem a pensar a música além de conjuntos de notas (Henrique Fernandes). Que tudo isso nos permita perceber a arte como algo que nos eleva acima das necessidades biológicas e sociais e nos transporta para outro patamar (Filipe Lopes). Música, afinal, é nada menos – e nada mais – do que o momento em que o ser humano começa a comunicar por meio dos sons e a escutar o mundo (Paulo Maria Rodrigues).

Como não podia deixar de ser, no final apelou-se a um recomeço. Ou germinar não fosse o crescimento de uma raiz que dá origem a outra planta e a outra semente, pronta a começar. A formação transitiva é para transitar, disse Paulo Ferreira Rodrigues, e prevê-se que assim seja a partir de janeiro de 2017. Onde faz falta germinar? A pergunta foi lançada ao público. E o público respondeu: nos hospitais, nas Escolas Superiores de Educação, nas Escolas de Música pelo país fora, nas instituições com crianças e bebés vulneráveis a seu cargo, nos locais onde os idosos passam as horas, nas turmas com miúdos com problemas comportamentais.

Afinal, a infância cronológica nem sempre coincide com a infância musical. E todos merecemos passar por ela.







## **GerminArte**

O Projeto GerminArte pretende contribuir para o desenvolvimento social e humano a partir da primeira infância. Tem como finalidade a qualificação de recursos humanos e profissionais para a primeira infância, desenhando e implementando modalidades de formação de carácter artístico e musical.

GerminArte resulta de uma parceria entre a Companhia de Música Teatral e o Laboratório de Música e Comunicação na Infância do CESEM - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa. Tem o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e decorre de 2015 a 2018.

O Projeto GerminArte adota uma perspetiva holística, procurando alcançar elementos do sistema social que podem, de forma direta ou indireta, influenciar positivamente o modo como se tratam questões relacionadas com a infância.

GerminArte integra trabalho de pesquisa teórica e empírica, ações direcionadas ao público em geral e ações direcionadas a públicos específicos.

Contacto: [educa@musicateatral.com](mailto:educa@musicateatral.com)